

AS FORMAÇÕES GRUPAIS E SEUS EFEITOS NAS INSTITUIÇÕES POLICIAIS-MILITARES

Geralda Eloisa Gonçalves Nogueira
Capitão Psicóloga da PMMG

Andréa de Las Casas Moreira
Tenente Psicóloga da PMMG

As instituições policiais-militares são instituições peculiares: organizam-se tendo como base a hierarquia e a disciplina milicianas, para desenvolverem atividades policiais junto à comunidade.

A hierarquia e a disciplina estabelecem formas de conduta esperadas no ambiente organizacional, estabelecendo regras, normas e procedimentos para os relacionamentos interpessoais entre os seus integrantes, tais como a continência, a permissão para o trânsito, dentre outras, cujo descumprimento pode ser passível de punição. Regulam também a conduta do policial militar fora do ambiente organizacional, o que inclui desde a atividade de policiamento de qualquer natureza, até a sua vida social e familiar.

Esses fundamentos da doutrina militar se sustentam num ideal: o ideal de que é possível ao homem, através da disciplina, de uma decisão moral, do autocontrole, aperfeiçoar-se e excluir, ou pelo menos controlar, aquilo que em si foge ao correto, ao socialmente e moralmente aceito como conduta padrão. É o ideal de um homem cuja consciência domina todo o campo da vida mental e, portanto, é possível o controle.

A atividade policial também se funda num ideal, de uma sociedade na qual é possível a ordem pública, a ausência de conflitos sociais de qualquer tipo. O ideal de tornar a sociedade livre de todos os que insistem em não fazer o que é esperado, em infringir a lei.

É esse o trabalho policial-militar: prevenir, coibir e impedir que ocorram condutas não aceitas pela sociedade.

Essa atividade é valorada socialmente de forma ambivalente, o policial militar é temido, pois, para fazer valer a lei, detém, como braço do Estado, o atributo do uso da força; é também respeitado, pois busca, incontinenti, o atingimento desses ideais.

É em relação a esse quadro de ideais e valores da atividade policial-militar que circulam no imaginário social que o indivíduo faz sua escolha pela profissão, trazendo consigo expectativas em relação à instituição e a esses ideais.

Essa escolha de cada um traz, também, a marca singular do indivíduo, naquilo que os ideais da instituição o capturaram, em consonância com sua história pessoal, seja de forma consciente ou inconsciente. As escolhas pessoais, em nível profissional nesses casos, muitas vezes, tentam resgatar ou consolidar algo do sujeito, como: ser o representante da lei, o que para uns pode ser equivocadamente entendido como ser a lei; ser uma pessoa respeitada; estar seguro, com todas as significações que o sujeito atribua a essa palavra; ser 'perfeito'; ter seus impulsos controlados com a ajuda dos 'freios' da instituição; seguir os passos do pai, ser como o pai.

Mas o que o futuro policial militar encontra ao entrar na instituição?

Inicialmente, sente o impacto das regras para a convivência social intra-muros, não se pode simplesmente chegar perto de um superior para conversar, é necessário pedir permissão, fazer continência, mostrar deferência, sem se esquecer de pedir permissão para sair. É um impacto, as relações interpessoais, nesse primeiro momento, se revestem de uma capa de artificialismo, perdem a naturalidade e trazem o medo, o receio do erro e tudo o que ele pode acarretar.

Vencido o choque inicial, é possível se adequar às regras de conduta preconizadas, habituar-se a elas, mas, a não ser entre pares, ou seja, entre militares de mesmo posto ou graduação hierárquica, ou que tiveram sua formação num mesmo período, na mesma turma, as regras para o relacionamento interpessoal continuam apontando para uma distância entre os indivíduos, para um formalismo nas inter-relações, identificado por todos os atos cerimoniais que devem precedê-la e regulá-la.

Num segundo momento, o candidato a ingresso na instituição é concitado a mudar seu comportamento, deve se destituir de valores e crenças e renunciar a um modo de vida civil que não esteja em consonância com o modo de vida militar, preconizado pelos regulamentos da instituição. Troca-se de estado: o candidato deixa de ser civil para ser um militar.

Um outro grande impacto se dá na própria atividade operacional. O trabalho diário de combate ao crime se apresenta de forma ininterrupta, dando mostras incessantes de que o ideal de uma sociedade sem transgressões à regra, sem conflitos, o ideal de uma ordem pública, é apenas um ideal.

Nesse sentido, o seu trabalho se compara ao mito de Sísifo, que foi condenado a carregar eternamente uma rocha morro acima, para vê-la rolar novamente morro abaixo e seu trabalho recomeçar¹.

Além disso, o policial militar recém-incluído nas fileiras da instituição encontra em seus companheiros, pessoas comuns, que vivem as mesmas dificuldades que as outras pessoas. Concluir o curso de formação policial, vestir a farda, se armar, não torna o sujeito menos vulnerável aos conflitos, às dúvidas, ao medo, à insegurança, a nada.

Um candidato a emprego, ao entrar em qualquer instituição, é incentivado e treinado para que “vista a camisa da empresa”. O que se espera do trabalhador é que se identifique ao ideal de empregado padrão, que cumpra as regras – pontualidade, responsabilidade com o serviço, assiduidade e outras voltadas para o bom desempenho de sua atividade

Na instituição policial-militar parece que algo transcende a isso. Ser policial militar, formar-se policial militar, vai além de um treinamento, uma idealização perpassa essa formação. Nas polícias militares é um ideal de homem que está em causa, e isso faz diferença. Ideal transmitido, via de regra, a jovens candidatos à carreira policial e que permanecem em processo de aprendizagem durante período prolongado. Esse ideal de homem atravessa essa formação que, por conseguinte, se estrutura em princípios rígidos e pouco flexíveis.

O policial militar não só veste a camisa da empresa, ele passa a fazer parte de um grupo altamente organizado, que tem a identificação entre seus membros, seja nas ações, idéias, modos de reação, conceitos ou preconceitos, relacionados aos ideais aí presentes, como forte fator de coesão grupal.

¹ DICIONÁRIO de mitologia greco-romana. São Paulo: Abril Cultural. 1973.

O conceito de identificação é bastante abrangente, mas pode ser entendido, nesse contexto, como aquilo que “pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum compartilhada com alguma pessoa. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação (...) podendo representar assim o início de um novo laço”².

Estudos realizados têm apontado que os grupos, de modo geral, exercem uma ação intimidativa sobre o indivíduo, compelindo-o a seguir o exemplo dos que os cercam, sendo a limitação de liberdade do indivíduo no grupo um dos principais fenômenos da psicologia de grupo³.

No ambiente policial-militar, essa característica do funcionamento grupal pode ser observada. Tendo em vista os ideais aí difundidos, a instituição militar tende a dificultar a expressão do que é individual e singular, através de uma padronização das condutas, comportamentos, atos e fardamento.

Essas exigências comportamentais extrapolam as atividades profissionais, impondo ao indivíduo padrões ideais difíceis de serem alcançados. Vale dizer que o ideal de comportamento ou o ideal de sociedade sem violência é algo utópico.

Um dos legados fundamentais de Freud à Psicanálise, cabe lembrar, foi a descoberta de que a consciência não domina todo o campo de nossa vida mental. Os motivos inconscientes, desconhecidos de nós mesmos, determinam grande parte de nossas ações, sentimentos e emoções. Assim, a determinação consciente, a disciplina, não dão conta de controlar todos os nossos comportamentos e impulsos, há algo que sempre escapa a esse controle⁴.

A instituição impõe limites rigorosos para o sujeito e alcançam tanto a expressão de sua individualidade quanto a busca de satisfação, limites aos quais o indivíduo busca se adaptar na crença de que a obtenção de felicidade, a satisfação de seus desejos e necessidades, ou mesmo a diminuição do desprazer, passam por essa via, pois como dirá Freud, o que os homens querem é ser felizes, e diferentes caminhos poderão ser tomados para esse fim⁵.

Há caminhos diferentes que cada um pode tomar para buscar as suas saídas frente à infelicidade, porém vê-se que no meio militar é comum que se busquem as soluções mais drásticas.

O estudo do tema suicídio no âmbito das corporações militares aponta algo de peculiar nessas instituições: a maior incidência de suicídio entre os seus componentes. Levantamentos atuais realizados entre as instituições policiais-militares do País demonstram que as polícias militares do Brasil apresentam índices diferenciados e maiores do que os apresentados pela população civil, tendo como *causa mortis* o auto-exterminio.

O fato de que a morte faz parte do cotidiano do policial militar, sendo um dos riscos que a atividade pressupõe, especialmente entre aqueles envolvidos com a atividade operacional e pode produzir algum efeito nesses profissionais.

² FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII. *Psicologia de grupo e a análise do ego*.

³ Idem, ibidem.

⁴ Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII. *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*.

⁵ Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI. *O mal estar na civilização*.

A convivência freqüente com a morte pode levar à sua banalização. Ao banalizá-la, é possível que o indivíduo, frente a situações de perda ou que envolvam sofrimento, a veja como uma saída rápida da infelicidade.

A colocação em ato, a realização de uma decisão dessa natureza é facilitada pelo fácil acesso à arma de fogo, um instrumento de trabalho dessa categoria profissional.

Nos grupos organizados, artificiais, “uma certa força externa é empregada para impedi-los de desagregar-se e para evitar alterações em sua estrutura”, força cujo grau irá variar de grupo a grupo e que nas instituições militares é representado por seu Regulamento Disciplinar, Código Penal Militar e todos os documentos doutrinários e normativos que produzem⁶.

Essas características dos grupos organizados, presentes na instituição militar, de submeter o indivíduo a certa pressão visando à coesão grupal, de limitar a expressão de sua individualidade, de fazer com que os interesses individuais raramente sejam proeminentes, produzem efeitos na vida mental do indivíduo, podendo pôr em questão o valor relativo da vida de cada um⁷. O indivíduo pode se sentir importante como membro do grupo, mas quando só, longe do grupo, o que é ele, o quanto ele é importante, para quem?

Visto sob outra ótica, pode-se considerar também que para a constituição de um grupo é necessário que uma condição seja satisfeita: “que os membros do grupo tenham algo em comum uns com os outros, um interesse comum num objeto, uma inclinação emocional semelhante numa situação ou noutra e (...) certo grau de influência recíproca”⁸. Além disso, deve-se considerar que dentre os fenômenos grupais se incluem a tendência dos indivíduos a apresentarem semelhança nas reações, “incapacidade de moderação ou adiamento e uma inclinação a exceder todos os limites na expressão da emoção e descarregá-la completamente sob a forma de ação”⁹. Essas características do funcionamento grupal apontam para a possibilidade de que estados emocionais possam ser compartilhados entre os membros dos grupos, o que pode levá-los a responder de forma semelhante frente a situações de conflito, podendo ocorrer uma identificação dos indivíduos a um modo de resposta a situações dessa natureza.

O laço mútuo que se estabelece entre os membros do grupo também merece consideração. Esse laço é da natureza de uma identificação, baseada numa importante qualidade comum que, pode-se suspeitar, reside na natureza do laço com o líder ou com uma idéia dominante ou abstração que ocupe o lugar do líder¹⁰.

Essa idéia comum ou ideal que norteia a relação entre os membros do grupo pode, entretanto, conforme a natureza do laço estabelecido em nível individual, ter efeito paradoxal. Freud nos esclarece que o homem sofre, adoece, tão freqüentemente quando põe de lado um ideal como quando busca atingi-lo¹¹.

Quanto mais difíceis de serem atingidos e quanto mais importantes esses ideais forem para o sujeito, mais sofrimento isso causa. Na medida em que obstáculos internos e externos ao indivíduo impedem a satisfação esperada, prometida, com a realização desses ideais, o sujeito se frustra, sente isso como uma perda, um prejuízo.

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII. *Tipos de desencadeamento da neurose*.

Frente a uma perda, real ou simbólica, há algo correlativo a um luto. Há um empobrecimento e esvaziamento do mundo, que deixa de ser temporariamente importante para o indivíduo. “Que sou eu depois de perder isso?” – essa é a pergunta que o sujeito se faz, de forma consciente ou não. E o trabalho normal do luto irá consistir em retirar, lenta e gradualmente, o interesse até então dispensado ao que foi perdido de forma a possibilitar o reinvestimento em outro objeto¹².

Mas na medida em que esse algo perdido se situa em nível de um ideal que engloba toda a vida do sujeito, esse trabalho será mais difícil, e mais difícil será investir em outro objeto que o substitua. Essa sensação de perda será maior quando o sujeito demonstrar pouca flexibilidade em modificar-se para atender às novas exigências da realidade, quando eleger para si a realização desses ideais como a sua única saída para a felicidade.

Nesse sentido, Freud dirá que “qualquer escolha levada a um extremo condena o indivíduo a ser exposto a perigos, que surgem caso uma técnica de viver, escolhida como exclusiva, se mostra inadequada. Assim como um negociante cauteloso evita empregar todo o seu capital num só negócio, assim também, talvez, a sabedoria popular nos aconselhe a não buscar a totalidade de nossa satisfação numa só aspiração”¹³.

Investir as aspirações e desejos numa só direção torna o indivíduo mais vulnerável frente ao fracasso ou à não realização de suas expectativas.

Reparar uma perda num processo de luto, ou a ele similar, não é tarefa fácil. Esse é um processo bastante doloroso, devido à dificuldade em desligar-se desse objeto para reinvestir em algum outro. Segundo Freud, não renunciamos facilmente a um objeto perdido, mesmo quando outro se ache bem à mão.

Há que se ressaltar que, frente às dificuldades encontradas na vida, deve-se ter em mente a própria transitoriedade de todas as coisas. Nesse aspecto, reconstruir o que foi destruído é tarefa árdua, mas, como nos diz Freud, a reconstrução “talvez ocorra em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes”¹⁴.

As organizações policiais-militares apresentam particularidades que as distinguem de outras instituições. Quando consideradas como grupo, deve-se ter em mente que a forma como são organizadas, as regras de convivência, os ideais que permeiam as relações de trabalho e as interpessoais exercem influência no psiquismo de seus integrantes

É fato que os grupos podem desenvolver princípios éticos mais elevados que os dos indivíduos que o compõem, apresentarem esplêndidas realizações grupais e alto grau de desprendimento e devoção, porém não se pode negligenciar o fato de que a complexa dinâmica intergrupala e as influências recíprocas que aí se estabelecem possam ter efeitos inesperados, contraditórios e até mesmo prejudiciais em seus membros e no próprio grupo¹⁵.

Dessa forma, os aspectos ora abordados, bem como outros não contemplados neste texto, podem ser fontes de estudo para possíveis correlações com os suicídios nessas instituições.

¹² Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV. *Luto e melancolia*.

¹³ Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI. *O mal estar na civilização*.

¹⁴ Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1979, v. XIV. *Sobre a transitoriedade*.

¹⁵ Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII. *Psicologia de grupo e a análise do ego*.

